MORTE E VIDA EM AS PARCEIRAS, DE LYA LUFT¹

Daniela Leandro da Silva Souza

Graduada em Letras com habilitação em Português e Inglês pela Faculdade Sete de Setembro (FASETE)

RESUMO

O presente trabalho pretende identificar a posição da mulher frente à sociedade, através da obra “*AS Parceiras*”, de Lya Luft. Pretende-se investigar a representação simbólica da relação entre a vida e a morte proposta pelo romance, através das personagens femininas que têm uma história de dor e superação, diante de uma masculinidade dominante e de valores sociais hipócritas. Este estudo está baseado em uma pesquisa bibliográfica e observa a realidade da mulher e da posição feminina perante a imposição de uma sociedade particular e opressora.

Palavras-Chave: Mulher. Vida. Morte. Patriarcalismo. Sociedade.

ABSTRACT

This paper aims to identify the position of women front of the society through the work "AS Partner 'of Lya Luft. Do not want to pursue a feminist character and yes, explain the "I" female. We intend to investigate the symbolic representation of the relationship between life and death offered by the novel, through the female characters who have a history of pain and resilience in the face of a dominant masculinity and social values hypocrites. This study is based on a literature search and observe the reality of women and the feminine position before the imposition of an oppressive society.

Keywords: Woman. Life. Death. Patriarchy. Society.

INTRODUÇÃO

O romance de um modo geral tem como função recriar a realidade de uma forma ficcional, apresentando uma visão global do mundo. A literatura contemporânea vai buscar traços arcaicos para mostrar a realidade e criar a sociedade de forma simbólica. Algumas obras escritas por mulheres contemporâneas, vêm desconstruindo o olhar masculinizado, com objetivo de trazer uma nova visão sobre a mulher. Com a literatura feminina a mulher passa a ter voz e conquistar seu espaço, porém estudar a literatura feminina é enveredar pelo desconhecido, pois por mais que a mulher tenha conquistado seu espaço, ainda encontra uma rejeição da sociedade.

O foco deste estudo é identificar a posição da mulher diante da sociedade, utilizando como instrumento de análise a obra “*As Parceiras*”, de Lya Luft. Serão abordados aspectos sociais que se refletem diretamente na mulher. Nessa perspectiva, será investigada a relação de morte e vida proposto pelo romance, de modo que a morte estará simbolizada na dor do “eu” feminino, nas cicatrizes que a personagem traz na alma, causados pela repressão social e pelas perdas. A vida estará representada na luta dessa mulher ferida, para se libertar “das sombras” que lhe perseguem, também na perspectiva de vida de alguns personagens e em momentos de alegria vividos por eles.

Falar sobre a mulher não significa fazer um trabalho de caráter apenas feminista, mas também feminino. A proposta deste trabalho é mostrar a mulher como ser pensante, e como ela se sentia perante as condições sociais que lhes eram impostas. Para isso foi preciso desenvolver uma pesquisa bibliográfica, pois é preciso que voltemos ao primórdio da literatura para que possa se realizar uma comparação entre a mulher dita pelo homem, e como é a mulher dita pela mulher. Dessa forma, procura-se aqui o olhar de alguns teóricos no intuito de embasar as idéias propostas.

¹ O presente estudo é parte da Monografia de mesmo nome defendida em 2008, na faculdade sete de Setembro e orientada pela professora Msc. Maria do Socorro Pereira de Almeida.

A obra “*As Parceiras*”, de Lya Luft, é um romance sobre mulheres. É uma visão feminina sobre uma família marcada pela morte, num mundo vazio que as envolvem. As mulheres terminam criando um mundo de fantasias que as permite fugir de uma realidade fútil e da subvida que lhes eram impostas pela sociedade. O título da obra “*As Parceira*”, tanto se refere às mulheres da família, parceiras na dor, quanto à vida e à morte que caminham lado a lado, ou seja, uma está interligada a outra no decorrer do romance.

Assim, a morte pode estar representada de várias formas como por exemplo, nos traumas de infância sofridos por Anelise (protagonista do romance), nos problemas da família e na condição de vida de algumas delas como é o caso da própria Anelise e de tia Beata. Já a vida vai estar representada na coragem que Anelise encontra para afugentar os fantasmas que a perseguem. A vida também pode ser constatada na inocência da infância, na felicidade infantil por desconhecer as dores da vida o que pode ser visto na figura de Adélia. Os momentos de amor e a irmã Dora também são exemplos de vida. Por outro lado, a vida de Anelise fica ligada a do filho e a fragilidade dele mostra a fragilidade da vida dela, quando ele morre é como se ela morresse também.

O assunto foi escolhido pela relevância de tratar da situação da mulher perante a sociedade, que mesmo na modernidade, tem uma posição inferior ao homem, embora em alguns momentos observe-se a quebra do patriarcado, diferentemente de antigamente que o preconceito contra as mulheres era mais exposto, hoje está mascarado, mas ainda continua.

Realizaremos a análise da obra, investigando a dor da alma feminina e como se refletia nas suas ações, os medos que impediam de ser feliz. Uma das perspectivas principais dessa pesquisa é a morte representada na melancolia da figura feminina. A morte, também, centraliza a temática, proposta pelo romance, “*As Parceiras*”, pois Luft coloca a vida como continuidade da morte “humana”, numa narrativa simples e psicológica.

1 ADENTRANDO A OBRA

A literatura reflete e revela costumes e acontecimentos de uma determinada época, através da visão do autor. Assim, surgem os períodos e os aspectos literários que, através das gerações ganham vida, pois a literatura percorre o tempo contando histórias, embora sofra influências de cada época, ela sempre transgredir o tempo.

A literatura feminina não é uma escrita voltada unicamente para a mulher, nem uma crítica sobre os homens, também não encontramos texto que tornam as mulheres vítimas; em sua maioria, são textos que denunciam a posição da sociedade na vida cotidiana, nas hipocrisias que acontecem na vida familiar. Na literatura brasileira, entre muitas autoras, está Lya Luft, que possui uma narrativa intimista, pois ela procura provocar seu leitor trazendo temas de contexto social transformado em literatura, que fala com a alma do leitor(a), despertando nele novos ideais como afirma a própria autora: [...] Não existe isso de homens com escrita vigorosa, enquanto as mulheres se perdem na doçura. Eu fico puta da vida com isso. Eu quero escrever com o vigor de uma mulher. Não me interessa escrever como homem. (Luft- entrevista, www.releituras.com)

Lya Luft, como outras autoras, migram do século XIX para o século XX, tendo na literatura brasileira, uma identidade própria, ela se adapta rápido as mudanças, mostrando toda a revolução, e permitindo que as mulheres provem que sabem se dizer, e são pessoas de fibra igual a qualquer homem, que não é preciso perder sua identidade para se fazer notar e falar sobre estereótipos e valores existentes na sociedade.

Nas personagens encontradas nas obras de Lya Luft, observa-se o caos que se encontra a sociedade, essa imagem ficcional que se encontra em suas narrativas, muitas vezes colocada de forma pejorativa, tem o intuito de expor ou relatar algo que está encoberto na sociedade, como pode ser visto em *As Parceiras* que vai ser analisada nesse trabalho.

Em *As Parceiras*, observa-se a situação conflituosa da mulher na sociedade, a posição da mulher no meio em que vive, revelando o que sente, pensa, omite, levando, muitas vezes, uma subvida, marcada por suas dores e cicatrizes. Através de personagens ficcionais a quem a autora vai dar voz deixam claras suas angustias e suas forças mutiladas pelo masculino.

Anelise, protagonista do romance, faz uma análise do passado, para buscar nas suas raízes, uma melhor compreensão da saga das mulheres de sua família, mostrando histórias vividas por todas, e não nega a realidade vivida no passado, muito pelo contrário, ela intensifica seus antepassados. Essa reconstituição de Anelise da sua vida vai servir para ela se auto-analisar, mostrando a vida que as mulheres da sua família levavam.

Para isso ela vai passar uma semana na casa de veraneio da família, após perder seu último filho. Ela se encontra no estado psicológico crítico, está afundada em pessimismo total, mas ela é levada do abismo ao ápice de sua vida, em meio às ondulações que lembram o movimento das ondas do mar, então ela se apresenta no início uma vítima da situação e ao decorrer dos dias, das semanas ela vai crescendo e se afirmando, e termina uma heroína de sua própria vida.

Segundo Ribeiro (2006) observa-se que o romance está dividido em sete partes, essas partes relacionadas aos dias da semana, a cada dia da semana corresponde uma parte da vida da protagonista e seus familiares, Anelise mostra seus traumas e, conseqüentemente, o sofrimento das outras personagens, esses dias também estão relacionados ao círculo menstrual da mulher, as mulheres em geral possuem círculo de vinte e oito ou vinte e nove dias sendo esses múltiplos de sete, com isso mostrando os sete nós da vida de Anelise, o sete, na obra, tem várias analogias, Ribeiro fala sobre elas:

Anelise a vivência na praia, durante sete dias, começando, significativamente, no domingo e finalizando no sábado. Sete dias tempo mítico e simbólico: na perspectiva cristã, significa o tempo da criação do mundo, da paixão de Cristo e do recomeço da vida, refere-se também ao ciclo feminino de fertilidade, às fases da lua e suas influências nas pessoas e na natureza, bem como determina o período dos estágios de uma iniciação, até da mítica viagem póstuma da alma. (RIBEIRO, 2006, p. 34)

A obra possui uma narradora que é também a protagonista, portanto é uma escrita em primeira pessoa. Ela vai jogar o tempo todo com as outras personagens, voltando a sua infância e trazendo também a vida adulta, não só dela como das irmãs, mostrando uma auto-análise, se as ações do passado foram coerentes ou se poderia ter sido melhores. Quando ela faz esse jogo entre o passado e o presente ela descobre a verdadeira vida, e as prisões que as mulheres de sua família viveram. Anelise vai passar a semana no chalé da família, em um lugar frio, sombrio sem vida, lá ela se detém às suas lembranças conturbadas tristes. Trata-se de uma obra que possui características psicológicas por fazer um intercâmbio entre as lembranças e a realidade.

A história do romance tem início num domingo em meio às lembranças de Anelise sobre sua avó Catarina, que era matriarca da família. Retornando à infância, Anelise lembra que não via muito a sua avó, pois ela vivia trancada no sótão. Catarina faz desse lugar o retorno a infância roubada e a busca do amparo maternal negado, sem que ao menos tivesse tempo de amadurecer sua puberdade, isolada de todo o terror que tinha sofrido pelo seu marido.

O avô de Anelise representa todo o machismo, a brutalidade e a ignorância que o homem precisava ter para ser respeitado na sociedade, Catarina foi uma vítima do preconceito existente na sociedade, casara ainda menina, não sabia direito o que aconteceria na noite de núpcias, em sua primeira noite de casada foi caçada feito um animal, e possuía de uma maneira cruel e hostil e daí por diante todas as noites ele a procurava feito um animal faminto, caçava-a como sua presa, eram momentos de horror e torturas, ela se tranca no sótão e se isola do mundo, cria um mundo só pra ela, tudo no porão (lugar onde fez seu quarto). Era branco e tinha cheiro de alfazema, com isso ela buscava a pureza e um pouco da infância roubada. As lembranças de Anelise deixa claro o sofrimento da avó:[...] O destino foi zeloso: caçou-a pelos quartos do casarão, seguiu-a pelos corredores, ameaçou arrombar os banheiros chaveados como arrombava dia e noite o corpo imaturo. Mais tarde, entenderam que os arroubos de meu avô eram doentios: nada aplacava suas virilhas em fogo. (LUFT, 2005, p. 13)

Em meio a essa brutalidade, Catarina deu a luz a quatro meninas que eram reflexo do seu sofrimento, são elas: Beatriz, que ficara uma viúva frustrada, pois seu esposo não cumpriu seus “deveres” de marido, então, com vergonha, como se fosse ela a culpada, passou a se esconder atrás da igreja se tornando uma beata. A outra era a mãe de Anelise, que vivia a sombra do marido, e as filhas ficavam por conta das empregadas; tinha também Dora, que tentava levar a vida diferente mais que não conseguia fugir da saga da família, pois ela tinha um filho (adotado) que era homossexual, e se chamava Otávio, além de não ter um marido o seu filho não tinha uma masculinidade viril, como “mandavam” os preceitos sociais, o que a deixava também excluída e envergonhada, pois sua família ia de encontro aos dogmas da sociedade. Por fim a outra irmã, Sibila, que foi concebida em meio a um estupro e por isso foi rejeitada, pois Catarina não sabia mais distinguir a realidade do imaginário.

As antecessoras de Anelise, que foram sua mãe e sua tia Beatriz e Dora, ambas foram órfãs, não tiveram amor, nem presença familiar, casaram e continuaram sozinhas, em seus mundos vazios, pois não tiveram opções na vida, foram obrigadas a cumprir sua “sina”. Essa imposição do destino, fez com que elas criassem seus próprios casulos; a dor de não poderem ter filhos ou não terem a presença da mãe em suas vidas, as transformaram em seres simbólicos, sem presença de vida. Dora é a única que tenta transpor esse muro de amarguras, mas seus monstros não saem de dentro dela, pois a sociedade sempre encontrava um jeito de abafá-la, a mulher só tinha valor se tivesse uma presença masculina do lado, e se tivesse um filho, de preferência, homem.

A cada lembrança triste a sombra que Anelise avistava em cima do monte ficava mais próxima, e a cada dia da semana ela desatava um nó dessa família de mulheres amarguradas. Anelise fez uma retrospectiva da sua vida, em busca de si mesma, para entender seu mundo asfixiante, e se depara com mais absoluto desamparo interior.

Anelise segundo Ribeiro (2006), carrega o fenótipo da mulher. Por mais que ela não aceite, isso está dentro dela, ela não consegue ser diferente. Muitas vezes ela emerge, mas acaba sendo afogada, ao ver seu fracasso como mulher de já ter perdido quatro filhos em gravidez que nunca se findavam. O aborto remete a simbologia da morte que sai das entranhas de Anelise. Ela também se sentia impotente diante do filho doente, única gravidez que conseguiu se concretizar, mesmo assim nasce um filho que tem uma sub-vida. Sente duas dores, a primeira por não conseguir ter um filho sadio, a segunda como mãe, mas pela doença do filho ela se destacou entre as outras mulheres, não se escondeu atrás de sombras, ela venceu sua dor e amou seu filho até a última “gota” de vida dele, “[...] Meu sótão era eu mesma: quase não saía de casa, não me afastava da cama de Lalo. [...]” (Luft, 2005, p. 104).

Essa dor, que só outra mulher tão heroína quanto Anelise sentiu, foi Maria, que viu seu filho, Jesus definhando na cruz sem poder fazer nada. Além de sofrer, é uma sensação de impotência, ver um pedaço seu morrer a cada dia, na sua frente, a alma chega à sangrar. A forma que Luft utiliza para falar dessa dor de Anelise e todo esse calvário que ela vive, é de tamanha sensibilidade, essa dor que ela coloca na protagonista, só uma mulher pode sentir e suportar, é através dessa dor que a mulher encontra força para sobreviver. Anelise se sente traída pela vida, pelo destino, por nascer naquela família. [...] "Então a traidora não é só a morte: era a vida também, a parceira, a outrora bruxa soprando velas na noite." (LUFT, 2005, p. 103)

A vida e a morte sempre andam lado a lado, a morte estando sempre presente no sofrimento, na dor, e vida presente no afeto, no calor humano, na esperança, e na força que a mulher encontra para superar a dor da perda do filho. Da sua infância, Anelise se lembra da amizade com Adélia, da fraternidade exagerada que existia entre as duas, das brincadeiras, das risadas, das férias que passavam juntas no chalé, das visitas ao cemitério, [...] "ela foi o primeiro amor da minha vida, numa idade em que as almas interessam muito mais do que os corpos" (Luft, 2005, p. 19).

Adélia representava tudo que ela não tinha em sua família, carinho, amor, alegria, o lado bom da vida. Ao despertar da adolescência, ela percebe que aquela pureza existente foi se diluindo e sua inocência foi se acabando, e com isso, Adélia some numa morte simbólica, abrindo os braços bem na ponta do rochedo e se lançando ao mar, o abrir dos braços simboliza o abrir das asas dos anjos, no entanto o enredo leva-nos a crer que Adélia e Anelise são uma só, Adélia representa o lado bom, a felicidade, a inocência, a ingenuidade de uma maneira ampla, já Anelise representa a solidão, o vazio e o sofrimento, pode ser aí observado a dualidade do ser humano, entre o bem e o mal, entre o certo e o errado, mais como um dos lados tem de prevalecer, então a solidão abafa toda a felicidade que podia existir em Anelise.

Os integrantes da família eram condenados ao sofrimento, não o sofrimento físico, mais o da alma, por não poderem ser quem queriam. Otávio era mais um reprimido pelos os arroubos da sociedade patriarcal. Além de Otávio, existiu outro homem em sua vida que foi Tiago, com quem se casou, com ele descobriu o amor, o companheirismo, e sai totalmente da solidão, adquiriu outra expressão no rosto, era uma expressão de vida, de luz, de esperança.

[...] Tiago era a presença que me inundava, me transfigurava muito mais do que meu primo Otávio em nossa aventura de adolescente. Eu era adulta e Tiago me oferecia uma paixão madura. Avassaladora: um mar nada sinistro, voragem em que se morria de bom grado. (LUFT, 2005, p. 68)

No plano real do enredo, a cada lembrança que tinha Anelise, sempre via a sombra da veranista, mas nunca consegue ver seu rosto e a veranista estava cada vez mais próxima dela. A parceria das mulheres do romance, de sentirem dores vindas das mesmas raízes faz de Anelise heroína de sua vida, em meio ao sofrimento de ver o filho definhando a cada dia, e de sentir fracassada perante si, e inútil perante a sociedade.

Ela fez da dor, seu escudo e sua espada para lutar com as sombras, projeção de seus anseios, ou desejo de libertação. Porém parceiras na vida dela foram a morte e a vida. Vida lhe trouxe tia Dora, Thiago, Otávio, e Adélia enquanto companheiros, quando a ensinaram a ter gosto pelo viver e aprender a sorrir. Já a morte veio com seus sofrimentos pela perda dos pais, de Adélia, seus abortos e a morte de Lalo. Essa dualidade, vida/morte da alma com a carne, do interior e o exterior, tornaram a protagonista uma verdadeira incógnita, seu psicológico sempre estava em verdadeiras ondulações, mas que, por fim, encontra a paz na revelação da sombra que a cada sofrimento se aproxima mais e mais dela, sua avó foi sempre sua sombra, pois são parceiras pela dor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A condição da mulher dentro da obra *As Parceiras*, de Lya Luft nos leva a observar como a obra denuncia a dor feminina diante de uma sociedade patriarcal. O objetivo proposto nessa pesquisa foi o de demonstrar a dor da alma feminina dita pela própria mulher, numa expressão simbólica de vida e de morte, representadas na protagonista Anelise e em outros personagens. Assim observou-se no decorrer do enredo que vida e morte sempre caminharam lado a lado na vida das personagens e que a mulher em sociedade também conviveu com a própria morte no sentido de que sua vida era algo de propriedade de outrem.

REFERÊNCIAS E BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- BARBOSA, Adriana Maria de Abreu. O feminismo atualizado na poesia de Valéria Villela. Tereza Cristina Neireles de Oliveira, Sandra Fernandes, Beatriz Scorcio Chacon. In: **Além do cânone, vozes femininas cariocas estudantes na poesia dos anos 90**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004.
- BRANDÃO, Ruth Silviano. **Mulher ao pé da letra: A personagem feminina na literatura**. Belo Horizonte, BH: UFMG, 2006
- BONITER, Elizabeth. **Rumo equivoca de: o fenismo e alguns destinos**. (Trad.) Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- COELHO, Nelly Novaes. **A literatura feminina no Brasil contemporâneo**. São Paulo: Siciliano, 1993.
- LUFT, Lya. **As Parceiras**. 21 ed. São Paulo: Record, 2005.
- LUFT, Lya. **A dignidade humana**. Revista Veja. 2042 ed. Abril. Ano 41_ N 1, 9 de Janeiro de 2008-10-06.
- LUFT, Lya. Disponível em: <www.releituras.com/lyaluft_bio_asp_23k>. Acesso em: 01 out 2008.
- RIBEIRO, Maria Goretti. **A via crucis da alma**. Leitura nufopsicológica da trajetória da heroína de “As parceiras”, de Lya Luft. Campina Grande PB: Ed-UEPB, 2006.
- SILVA, Antônio de Pádua Dias da (Org.). **Representações de gênero e de sexualidade**. Ed. Universitária. Inventária Diversificada: João Pessoa PB, 2006.
- TEXEIRA, Nírcia Cecília Riba Borges. **A escritura feminina: Lya Luft e o sujeito no espaço literário**. Disponível em: <www.klickescritores.com.br/pag_matérias>. Acesso em: 01 out 2008.